

MUN

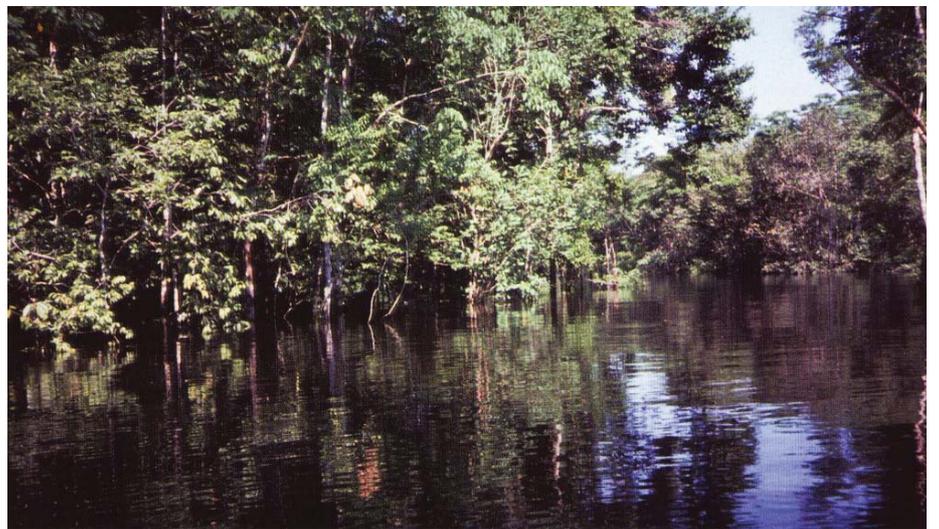
BERLIM

Preciosidades botânicas do Brasil em exposição

As sensações da visita à exposição temporária *Brazilian Nature - Mystery and Destiny*, ocorrida no Museu Botânico, em Berlim (Alemanha), de 5 junho a 14 de setembro de 2008, e promovida pela Fapesp, pelo governo de São Paulo, pela Freie Universität Berlin e pelo Botanischer Garten e Botanisches Museum Berlin-Dahlem, são expressões de dois percursos: se escolher atravessar o Jardim Botânico, será um viajante, que passeia por entre as coleções botânicas, caminhando por canteiros, estufas e identificações de plantas de diversas partes do mundo; se escolher seguir diretamente para o prédio do museu, ao atravessar a porta principal encontrar-se-á em um gigantesco herbário, em geral com modelos e “amostras” confeccionados em plástico – a alusão ao herbário é muito mais associada à arquitetura do prédio, com seus vários corredores que são, analogamente, gavetas e estantes da coleção que guarda a história natural. O Museu Botânico é considerado um aparato expositivo complementar ao Jardim Botânico; arquitetonicamente os



Reproduções



No alto: litografia de mata inundável no Pará, Amazônia oriental (V. Bittrich) publicada na *Flora Brasiliensis* (Vol. I, tab. 40); e fotografia atual da região

dois espaços são, inclusive, contíguos. No Museu, a intenção é que, em especial com o uso de modelos, seja possível olhar os detalhes morfológicos de diferentes vegetais.

Viajantes e coleção são figuras cheias de sentidos para as representações a respeito de natureza com as quais nos educamos na escola, na literatura, no cinema e, com bastante ênfase, nos museus e

D



Notícias do Mundo

outros meios de divulgação e popularização da ciência. Tem sido destacado na literatura especializada o papel das exposições como dispositivos pedagógicos que, ao mesmo tempo, comunicam e nos identificam: ou seja, a pergunta sobre a quem se destina a exposição é fundamental, e as respostas só podem ser encontradas se considerarmos os contextos culturais da sua apresentação. As exposições permanentes do Museu Botânico de Berlim contam-nos histórias da natureza tendo como referência o trabalho dos viajantes e colecionadores nacionalistas, como Linnaeu ou Humboldt, cujos objetos pessoais e de trabalho no campo ou na descrição dos espécimes mesclam-se a desenhos, gravuras, registros escritos, diagramas e, em alguns casos mais recentes, fotografias. O material selecionado para compor a exposição são imagens impressas em 37 painéis que foram concebidos com base nos dados provenientes de três projetos apoiados pela Fapesp: a “Flora Brasiliensis *on-line* e revisitada”, a “Flora fanerogâmica do estado de São Paulo” e o programa Biota-Fapesp. São painéis distribuídos nas paredes laterais das escadas que dão acesso ao primeiro e ao segundo piso. As imagens da exposição podem ser vistas no site: <http://www.fapesp.br/publicacoes/braziannature/index.php>.

Num misto de natureza brasileira exuberante, rica e misteriosa, a composição num mesmo painel de fotografias recentemente produzidas e de gravuras da *Flora Brasiliensis* – produzida entre 1840 e 1906 pelos editores Carl Friedrich Philipp von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban – é destacável. A insistência em aproximar imagens de tempos cronologicamente diferentes confere sentidos e respaldam a idéia de preservação e conservação ambiental, assim como referenda o olhar meticuloso e original dos naturalistas alemães. Uma pergunta é inevitável: não é verdade que eles tinham mesmo razão? A exposição parece sugerir que se continue na direção que os registros dos naturalistas apontaram. De acordo com um dos primeiros painéis, “seguindo os passos do naturalista alemão [Martius], cientistas brasileiros trabalham hoje para completar esse inventário, identificando e descrevendo novas espécies da flora e, também, da fauna”. É nessa dimensão de tempo como continuidade que o inventário da maior biodiversidade do planeta ganha sentidos políticos na atualidade e, com uma exposição, pretende-se tanto dar visibilidade às pesquisas nacionais, quanto estabelecer cooperação científica com a Alemanha.

A contextualização da natureza brasileira pelo viés dos naturalistas europeus participa de jogos de significação sobre ciência, tecnologias e produção de conhecimento que muito se aproxima da posição periférica, nas laterais, que se expressa tanto pelo lugar ocupado pela exposição quanto à quase unicidade de sua linguagem fotográfica. Se o visitante decidir não seguir na “escada da biodiversidade brasileira” e virar à esquerda, encontrará o mundo macroscópico da utilidade (para o bem e para o mal) de plantas de várias partes do mundo; em outro piso, encontrará quatro painéis sobre as novas tecnologias baseadas em biologia molecular que são as inovadoras pesquisas de um setor do Museu Botânico de Berlim. Se seguir pelas escadas, a riqueza de cores e formas da biodiversidade, assim como a relação entre o diverso e o único, encherão seus olhos. Se o visitante ouvisse trechos da canção *Você* da autoria de Hekel Tavares e Nair Mesquita, poderia associar melodicamente as imagens à sensação da brejeirice do amor com que os sons da natureza brasileira se interiorizam em nós, pelos sentimentos do sertanejo. Um revés colonialista? Talvez.

Antonio Carlos Amorim